

Os filhos dos ex-combatentes também têm memórias da guerra

Muitas famílias portuguesas têm baús de guerra. Lá dentro há álbuns de fotografias, cartas, estatuetas africanas e medalhas. Foi através destes objectos que os filhos dos ex-combatentes ouviram falar sobre a guerra colonial, pelo menos a parte das histórias que os pais lhes quiseram contar. Alguns, como Susana, quando cresceram ganharam curiosidade e perguntaram: "Pai, mataste alguém?" Outros, como Alexandra, tiveram medo da resposta e calaram-se.

Por Catarina Gomes (texto) e Miguel Manso (fotografias)

[matutino "Público" 21Mar2011]



Ultramar
Filhos
da guerra
contam
as suas
memórias

4 • P2 • Segunda-feira 21 Março 2011

● Muitos pequenos-almoços eram assim, não havia canecas para beber leite nem pratos para pôr pão, à hora do jantar já se sabia que voltava a haver novos pratos e copos porque os pais tinham passado a tarde no Braz & Braz a comprá-los, como se bastasse voltar a ter louça para retomar a normalidade e esquecer que, na véspera, o pai tinha partido a casa toda, que tinha acordado a meio da noite "com gritos horríveis, suado, com um olhar que não consigo descrever" a brandir uma catana que tinha trazido da Guiné e a dizer à mulher e aos filhos pequenos "saíam de casa senão mato-vos a todos".

Eles vestiam-se à pressa e fugiam para onde fosse, para a rua, para casa de uma vizinha que já conhecia a rotina. "Amanhã isto passa-lhe." "Passei a infância a fugir de casa. Não vivi infância de criança", diz Alexandra Penteado, de 37 anos. Ela tem memórias destas desde os três anos até ter uns 20. "O meu pós-guerra foi muito tempo."

Alexandra Penteado é filha de um ex-combatente da guerra colonial na Guiné com stress pós-traumático. Faz parte de uma geração a que uma investigação pioneira em Portugal chama "Filhos da guerra". "Esta é a minha história, há milhares. Somos adultos marcados

por coisas que não vivemos."

Uma equipa de dez investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra foi falar não com os que combateram entre 1961 e 1974 em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, mas com os seus filhos, uma geração hoje com idades entre a casa dos 40 e a dos 20 anos. Foi perguntar-lhes pelas suas memórias de guerra.

Parece estranho que quem não viveu a guerra possa dela ter memórias, mas é isso que acontece. "Não a experienciaram, mas cresceram mergulhados em narrativas e objectos sobre a guerra vivida pela geração dos pais", explica a coordenadora do projecto, Margarida Calafate Ribeiro. Chama-lhes "pós-memórias", um conceito já usado noutros estudos para abordar realidades como a dos filhos dos sobreviventes do Holocausto, filhos de desaparecidos e presos políticos na ditadura da América Latina, pessoas marcadas por uma realidade que não vivenciaram.

Margarida Calafate Ribeiro explica que tudo começou com as mães. Quando fez um trabalho sobre mulheres que acompanharam os militares para a guerra percebeu que "a guerra é uma coisa de família, não é só de ex-combatentes". Percebeu que, no regresso a Portugal,

enquanto os "pais viviam no silêncio, eram as mães que explicavam aos filhos por que é que o pai foi para a guerra, por que é que o pai rebitou com uma porta que não conseguia abrir, por que é que o pai fuma desenfreadamente, por que é que o pai durante anos se metia debaixo da cama quando ouvia um barulho. São coisas que aconteceram em casas portuguesas. Estamos a falar de homens que tiveram vidas normais, não estamos só a falar de casos de stress pós-traumático".

Fotografias e cartas

Durante a guerra colonial, houve cerca de um milhão de homens mobilizados para África. Quantos filhos cresceram a ouvir histórias dos pais? Explicações das mães? "Se forem dois filhos por casal podemos estar a falar de um terço da população portuguesa, é uma massa muito grande de gente", responde. Estima-se que 120 a 140 mil homens sofram de stress pós-traumático, estamos portanto a falar de cerca de 120 a 140 mil homens e respectivos filhos. A equipa do Centro de Estudos Sociais, que envolveu também psiquiatras, avaliou psicologicamente estes filhos da guerra e encontrou "valores mais elevados nas dimensões de negligência física e emocional nos

que tinham pais com trauma".

Ao longo da investigação descobriram que, no meio de tantos percursos singulares, havia nas casas onde estes "filhos da guerra" cresceram objectos "arrumados no baú da guerra" e muitos eram comuns: do álbum de fotografias à correspondência para Portugal e aos objectos de artesanato local.

O álbum das fotos do tempo da guerra foi quase sempre a primeira porta de entrada dos filhos na realidade de guerra destes pais que, na maior parte dos casos, aconteceu antes de eles terem nascido. Para Paulo Peixoto, de 42 anos, filho de um ex-combatente em Angola, o álbum fotográfico assumiu na sua infância estatuto de brinquedo.

Hoje, já adulto, consegue reconhecer no álbum "uma selecção de momentos bons. Havia muitas fotografias de praia, do pai e dos amigos a jogar à bola, dele deitado no camião [era condutor], dele sentado em pilhas de cerveja. A única visão do inimigo é dele fardado ao lado de uma placa que diz zona de "turras", dele fardado no capim, como se estivesse a combater, para parecer real. Eram fotos encenadas", recorda Paulo Peixoto, professor universitário de Sociologia.

No meio do álbum estavam as cartas trocadas entre o pai e a mãe.

Ele leu-as todas por volta dos 10 anos - o pai a contar o seu dia-a-dia. "Num dia a situação estava mais calma, noutro menos", havia menções a pessoas do pelotão - "ou será batalhão? Nunca sei" - que morriam, do receio das emboscadas e das minas, do desejo de voltar são e salvo a Portugal e poder casar com a minha mãe, que era madrinha de guerra dele." Eram excertos de "perigos potenciais" contados em jeito "de aventura". Eram cartas feitas para sossegar quem as recebia, não eram propriamente desabaços, conta.

Paulo Peixoto cresceu também envolto em objectos vindos desse local longínquo chamado África. Em criança "andava por casa uma catana de desbravar mato, quando a mãe se distraía brincava com ela, como o Sandokan". Chegaram a ser africanas "as cadeiras onde nos sentávamos, os tapetes que animavam as paredes com animais coloridos, as mantas e esculturas. Tínhamos a casa cheia disso". O tempo foi passando e a parafernália africana foi sendo arrumada. Na casa dos pais só restam hoje duas almofadas.

"Nunca vivi com a dimensão da morte, nunca nos foi passado isso. [O meu pai] nunca nos contou histórias de drama e de guerra." Parece que foram "umas férias", foi essa a



A pessoa que eu conheci tinha tatuagens dos fuzileiros, tinha um pavio curtíssimo, quando explodia era incontável e agressivo.

Alexandra Penteado,
37 anos



impressão com que Susana Gaspar, atriz de 23 anos, ficou dos relatos do pai, que combateu em Angola. Tanto que, para ela, em criança, nem sequer era o álbum da guerra, "era o álbum da tropa", como se aquelas imagens fossem apenas de momentos de treino. Para ela, ir aos almoços dos ex-combatentes foi durante muito tempo como ir a convívios "de colegas de trabalho do meu pai". Só quando foi ficando mais velha foi reparando que nas fotos havia elementos estranhos que lhe diziam que aquilo não podia ser a tropa em Portugal. Havia macacos, o pai "a dançar com as pretinhas",

o pai a fumar e a beber e palavras desenhadas com balas.

O pai de Susana Gaspar "é reservado" e ela foi sendo apenas ouvinte desses relatos do que pareciam ter sido tempos bem passados na juventude. "Desconfiava que não tinham sido bem férias", até que decidiu explorar o tema com mais dois filhos de ex-combatentes no projecto teatral *Ignara Guerra*, que desenvolveu entre 2007 e 2009. O interesse em abordar o tema da guerra colonial de forma artística fê-la, pela primeira vez, ir ter com o pai e fazer-lhe perguntas, algumas que lhe custaram. Alguma vez tinha matado alguém? Ele respondeu que não. Teve medo? Ele respondeu que "teve mais medo dos jacarés do que do inimigo" e lá saiu a história do dia em que "lá num barco a fazer vigia nos rios e um colega foi atingido no braço, caiu ao rio e não morreu do tiro mas dos jacarés - ele assistiu. Foi com este episódio, arrancado a ferros, é que eu vi que não tinham sido férias".

"A maioria das recordações e narrativas de infância [dos filhos da guerra] são positivas", sublinha Margarida Calafate Ribeiro, algumas porque o foram, outras porque "foram transformadas em narrativas agradáveis" para poderem ser contadas aos filhos pequenos. A

investigadora lembra a história de um ex-combatente que transformou o episódio de uma emboscada na Guiné num rio com crocodilos numa história de aventuras que contava ao filho antes de ele adormecer. "Havia uma pulseira de tornozelo que andava lá por casa e que o pai dizia que tinha sido encontrada na boca de um crocodilo", quando "a verdade é que devia ser de alguém que ficou sem perna".

Talvez seja verdade que, quando se é pequeno e corre tudo bem, 90 por cento do que aconteceu esquece-se, como diz Alexandra Penteado. É verdade que "o tempo elimina más recordações", nota Margarida Calafate Ribeiro, mas nestas histórias houve um trabalho de triagem. "O que passa mais para os filhos são as histórias".

As histórias más, as verdadeiramente más, ficam por contar. Há memórias de guerra que não se partilham com os filhos, afirma a investigadora, há memórias que não se partilham com ninguém sem ser com os companheiros de guerra. Porque não dá para contar como foi a quem não viveu, disse-lhe um dia um ex-combatente. "Sabe o que é uma emboscada? É gente a fugir, cheiro a mijo, do medo da morte." Há coisas que só se contam aos companheiros.

Assim se explica a proliferação de convívios de ex-combatentes, nota a investigadora. "Os almoços têm função terapêutica." Há pais que levaram os filhos e, aqui, quando muito, "há histórias que os filhos foram apanhando".

Uma condecoração

Alexandra Penteado foi com a família a muitos destes convívios e havia sempre uma altura em que alguém subia ao palanque e contava uma história. Por norma eram engraçadas, como a do capitão "que rezava à santa e aos anjinhos" e era gozado pelos outros. Mas houve uma vez que rompeu com "o código de silêncio" entre ex-combatentes. Era a história de "uma guineense que trazia uma granada num cesto e ia entrar num café com militares. Um deles apercebeu-se e matou-a com um punhal". Alexandra Penteado tinha 14 anos quando ouviu essa história e recorda a incomodidade do momento, de caras que mostravam que o narrador "tinha ido longe de mais".

Ao contrário de Susana Gaspar, Alexandra nunca quis perguntar ao pai "matate alguém?". "Há certas coisas que preferimos não ouvir. São nossos pais." Alexandra sabe que ele voltou "perturbado com algo que viu, que fez, que teve que fazer". A

única vez que o viu chorar foi com uma imagem na televisão, "de um bebé guineense deitado junto a uma cabana". "Ele chorou, chorou." Ela nunca quis saber porquê. "A pós-memória envolve imaginação, reconstrução", explica Margarida Calafate Ribeiro.

O pai morreu de cancro do pulmão em 2002 e Alexandra herdou fotografias e uma condecoração, uma cruz de guerra que, explicou-lhe um amigo do pai, era só para "heróis". Quando uma vez falou disso ao pai ele só respondeu "pois, pois". Depois da sua morte foi encontrar a distinção por actos heróicos abandonada num saco plástico dentro de uma terrina decorativa. Era uma condecoração que ele queria esquecer, lembra Alexandra.

Bem sabe que é daqueles desejos que não servem para grande coisa, mas Alexandra gostava de ter conhecido o pai antes de ela própria ter nascido, em 1973, quando se dizia que era "alegre e brincalhão". Foi bom ver tanta gente no funeral, uma multidão. Foi a confirmação de que o pai era bom, devia ser bom, se ele fosse mesmo mau era sempre mau e não tinha amigos, não é? É assim que Alexandra dá sentido à vida que viveu com o pai que conheceu. "A pessoa que eu conheci tinha →

tatuagens dos fuzileiros, tinha um pavio curtíssimo, quando explodia era incontável e agressivo."

A equipa do Centro de Estudos Sociais não se quis ficar pelos filhos dos ex-combatentes e colocou também sob a identidade de filhos da guerra descendentes de homens dessa geração que não combateram na guerra colonial, o que incluiu filhos de homens que desertaram por opção política. "A maioria dessa geração divide-se entre os que foram à guerra e os que não foram. Era uma linha de corte que há 20 anos era decisiva, agora é mais esbatida", nota Margarida Calafate Ribeiro.

Como num filme

Se a vida de Pedro Branco, de 45 anos, fosse um filme os primeiros nove anos seriam falados em francês. O pai, o cantor José Mário Branco, teria uns 20 anos quando ficou apurado para o serviço militar. Fugiu para França e escapou à guerra colonial. A mãe, na altura com 17 anos, foi atrás dele. Pedro nasceu já em Paris, uma cidade onde voltou com 30 anos e à qual sentiu "uma ligação que não consigo explicar". A sua vida começou em Paris por

causa de uma guerra de que nunca ouviu falar, de que não tem imagens. "Para mim a guerra não existia."

Por causa da ditadura que esteve na origem do conflito, Portugal foi para o Pedro criança um país onde só viviam os avós e que visitava sozinho porque os pais não podiam ir. Tem memórias dele próprio pequenino acompanhado por hospedeiras que lhe davam presentes. Quando tinha nove anos, dois meses depois do 25 de Abril, lembra-se de a família fazer a primeira viagem, num Citroën dois cavalos, e, depois de uma curva, lhe disserem "ali é Portugal". "Era a primeira vez que vínhamos todos juntos."

Pedro tem quatro filhos, é professor do primeiro ciclo e reconhece que "sabe-se mais sobre o 25 de Abril do que sobre a guerra". Sabe que fugir, desertar, para muitos dos que lá combateram não é bem visto, mas afirma que "desertar pode ser um acto heróico" e é assim que entende a decisão do pai. Pedro Branco fala "a nós que tivemos a coragem de não ir". Não sabe o que faria se ele próprio tivesse que escolher. Durante a pesquisa do Centro de



Sabe-se mais sobre o 25 de Abril do que sobre a guerra. Para mim a guerra não existia.

Pedro Branco,
45 anos



Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e o Ministério da Defesa, foram entrevistados 232 filhos da guerra, entre filhos de ex-combatentes que voltaram sem mazelas psicológicas, filhos de pais com stress pós-traumático e filhos de pais que não combateram. "Demos sentido às memórias e apresentámo-los a uma identidade que desconheciam, a de filhos da guerra", conta Margarida Calafate Ribeiro.

Mas no início da recolha destas "pós-memórias" aconteceu o

inesperado: quando iam para falar com os filhos, os pais sentiam aquela atenção como estranha, como quem diz - "Então eu estive na guerra e vocês vêm falar com ele? Ele não sabe nada". Uma pequena equipa de investigadores viu-se assim em mãos com o trabalho a fazer com os filhos a multiplicar pelos pais (entrevistaram 103) e pelas mães (95). Há toda uma geração de ex-combatentes que ainda sente que não foi ouvida, nota a investigadora. "A guerra colonial ainda está mais no domínio privado do que no público."

Pais e filhos tiveram espaços de entrevista separados e é ouvindo uns e outros que se percebe que houve filtragem. "Não sei o que o meu pai disse, não perguntei. Faz parte da intimidade", diz Paulo Peixoto. Desconfia até que "se ler o depoimento [do pai], anónimo, terei dificuldade em identificar. São memórias vividas".

Se no passado os objectos que andavam lá por casa eram o pretexto para os pais contarem aos filhos as histórias da guerra, agora passou a haver à sua volta novos pretextos como filmes e séries televisivas. "A

série do Joaquim Furtado trouxe a guerra à sala de estar" e, agora que eles já não são crianças, puderam ouvir acrescentos: "Final, andei lá para quê? Eu perdi um amigo? O Sócrates nunca andou na guerra", lembra a coordenadora do projecto. E, hoje, "esta segunda geração está a começar a fazer perguntas como 'Mas afinal o que que andaste lá a fazer, pai?'".

O projecto coordenado por Margarida Calafate Ribeiro tem outra vertente. Sabe-se que houve uma proliferação de obras de ex-combatentes - esta investigação quis conhecer as obras literárias, cinematográficas, plásticas, teatrais que estes filhos produziram sobre a guerra que não viveram. E encontrou dezenas. No início de Junho vai realizar-se no Centro de Estudos Sociais de Lisboa o primeiro colóquio sobre *Os filhos da Guerra Colonial* com os resultados deste estudo, altura em que será também inaugurada a *Exposição Itinerante sobre Pós-Memórias da Guerra Colonial*. Para o Natal vai ser publicado um livro com 50 testemunhos desta geração - vai chamar-se *Os Netos Que Salazar não Teve*.



Há toda uma geração que esteve na guerra através das memórias dos pais. Agora começa a ser ouvida

Pág. 4/6

Testemunho de Catarina Gomes

Em minha casa também havia um álbum de fotos de guerra

Eu também cresci a ouvir fragmentos de histórias do tempo da guerra em Angola. Só com este trabalho percebi que a minha está entre os milhares de casas portuguesas onde havia álbuns de guerra e uma parafernália de objectos que sempre me foram familiares, de estatuetas de negros a peles de palanca semidesfeitas pelas traças, uma girafa de madeira que se aguentava de pé com uma perna colada - coisas que foram desaparecendo de vista, como na casa dos pais do Paulo Peixoto.

Nas minhas histórias da guerra em Angola havia sempre o nome de um lugar quase de feitiçaria, Cangamba, onde o meu pai tinha sido colocado. Não faço ideia onde

fica nem se mudou de nome.

Dei por mim a chorar quando ouvi a Alexandra Penteado falar do pai que acordava com gritos lancinantes a meio da noite. Ela perguntou-me se eu me identificava. Disse-lhe que não. A minha experiência foi a das historinhas positivas. Coisas caricatas, como o meu pai fazer parte de umas campanhas de "acção psicológica" que consistiam em espalhar pelos céus de Angola panfletos a apelar à rendição de soldados angolanos, com fotografias de rostos como os deles, de ar feliz e bem nutrido, porque se tinham entregado aos portugueses.

As fotos do álbum que andou lá por casa também pareciam ser, tal

como para o Paulo Peixoto, uma selecção de bons momentos, quase postais pitorescos, com casotas de colmo, meninos de barriga arredondada, o meu pai a tocar guitarra, a fazer teatro num palco improvisado com lençóis brancos. Dão-me a mesma sensação que teve a Susana Gaspar, de parecerem fotos de férias. Como ela, desconfio que não tenha sido bem assim.

E para mim também houve um episódio que o confirmou e que, não por acaso, era sempre contado pela minha mãe, que acompanhou o meu pai na guerra. A 28 de Abril de 1974 o meu pai foi chamado a identificar corpos de colegas. Só há dias, quando perguntei à

minha mãe, soube que o meu pai dormiu mal nessa noite, vinha-lhe à memória a imagem de um soldado que morreu com a mão esquerda paralisada para cima, como quem mostra a aliança, como dizendo "não me mate que sou casado". Foi pelo menos assim que o meu pai, recém-casado, o interpretou.

É em alturas especiais que se sentem mais as ausências. O meu pai morreu quando eu estava a aprender a fazer perguntas de adultos. Lembro-me de lhe ter feito uma quando ainda era adolescente, quase como quem pergunta por uma aventura. Mataste alguém? Ele respondeu que não sabia, que em princípio não, mas que na guerrilha não se via o inimigo. Ao

fazer este trabalho dei por mim a querer fazer-lhe mais perguntas de adultos. Sabias por que é que ias? Sentiste medo? Pensaste que ias morrer? Em que é que isso te mudou?

À medida que foram desaparecendo de casa os objectos trazidos da guerra foram rareando pretextos para voltar a estas memórias. Os meus pais trouxeram de Angola para mim um banquinho de madeira feito da pele seca e esticada de um animal que não conheço. Lembro-me de me sentar nele quando era pequenina, agora vai ser do meu filho. Vou-lhe contar os fragmentos do que sei, as minhas memórias de guerra.

Investigadores

Margarida Calafate Ribeiro (CES)
António Sousa Ribeiro (CES/Fac. Letras, UC)
Roberto Vecchi (Univ. Bolonha/CES)
José Manuel Pureza (CES)
Rui Mota Cardoso (F. Medicina, Porto/CES)
Luísa Sales (Hospital Militar Coimbra/CES)

Investigadoras Júnior

Aida Dias (CES)
Hélia Santos (CES)
Ivone Castro Vale (F. Medicina, Porto)

Contactos

CES – Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra
Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087
3001-401 Coimbra

Tel.: 239855570

Fax: 239855589

e-mail: filhosdaguerra@ces.uc.pt

Para mais informações, consulte o site:

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial>



**Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra**

Os Filhos da Guerra Colonial

Pós-memória e Representações

Investigadora Responsável
Margarida Calafate Ribeiro

Projecto Financiado pela
Fundação para a Ciência e Tecnologia
(PTDC/ELT/65592/2006)



Os Filhos da Guerra Colonial: Pós-memória e Representações

Entre 1961-1974, Portugal manteve em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau uma longa Guerra não publicamente assumida. A memória desta guerra liga-se a três acontecimentos importantes: o final da ditadura salazarista, o 25 de Abril e a descolonização. A relevância destes acontecimentos e a quase inexistência de estudos de história colonial portuguesa permitiu que a Guerra Colonial fosse silenciada na esfera pública, ficando reservada aos portadores da sua memória – os ex-combatentes e suas famílias.

Este Projecto estuda as memórias familiares da Guerra e a sua projecção na memória pública, partindo do testemunho de filhos da geração que viveu este período histórico.

Através de uma abordagem transdisciplinar, combinando áreas como a crítica literária, os estudos culturais, a história e a psiquiatria, pretende-se contribuir para a compreensão da memória nacional da Guerra Colonial, esse episódio histórico central ao século XX português.

Quais os objectivos do projecto?

- *Conhecer as representações sobre a Guerra, construídas pelas gerações pós-guerra.*
- *Analisar a interacção entre as memórias familiares, a memória colectiva e a memória pública da Guerra.*
- *Estudar a hipótese da transmissão geracional da vulnerabilidade ao trauma.*
- *Estimular a reflexão e o estudo sobre a importância da Guerra Colonial na História e Cultura portuguesas.*
- *Contribuir para um entendimento das consequências sociais e individuais dos conflitos armados.*

Como serão divulgados os resultados da investigação?

- *Pelo desenvolvimento de um website sobre o projecto, onde se divulgarão os resultados do estudo e outras informações sobre a Guerra.*
- *Pela organização de uma conferência para apresentação e debate das hipóteses levantadas pelo estudo.*
- *Pela publicação de um livro e de artigos científicos sobre o estudo realizado.*

Como decorre o estudo?

O processo de investigação compreende duas fases:

1 – Entrevista sobre as diferentes memórias da Guerra, dirigida a filhos.

2 – Preenchimento de questionários e recolha de amostras salivares para estudo de factores de vulnerabilidade ao trauma, dirigida a filhos e aos respectivos pais.

Os dados recolhidos serão confidenciais e processados de forma anónima pela equipa de investigação.

Quem pode participar?

Portugueses nascidos entre 1960 e 1985 e seus pais.

Se estiver interessado em participar neste estudo, poderá contactar um dos elementos da equipa de investigação.

Projecto
**Os Filhos da Guerra Colonial:
pós-memória e representações**

Fundação para a Ciência e Tecnologia
2007-2010

Ministério da Defesa
2010-2011

PT | EN

Entrar

Projecto - Os Filhos da Guerra Colonial - O projecto

**Os Filhos da Guerra Colonial:
pós-memória e representações**

PT | EN

- O projecto
- Objectivos
- Quem somos?
- Como decorre o estudo
- Participantes
- Divulgação de Resultados
- Questões éticas e legais
- Financiamento
- Actividades
- Publicações
- Bibliografia
- Links
- Contactos
- Créditos

Projecto 'Poesia da Guerra Colonial'

Utilizador/a:

O projecto

Entre 1961-1974 Portugal manteve em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau uma longa Guerra Colonial não publicamente assumida. A memória desta Guerra na sociedade portuguesa contemporânea liga-se a três acontecimentos históricos marcantes: o final da ditadura salazarista, o 25 de Abril de 1974 e a descolonização. A grandeza destes acontecimentos na história contemporânea portuguesa, por um lado, e a quase inexistência de estudos de história colonial portuguesa, por outro, permite que a Guerra Colonial seja vista como algo externo e não como algo de profundamente interno a Portugal e aos países africanos entretanto independentes. Assim, ela apresenta-se incompreensível e mantém-se reservada aos grupos que são portadores da sua memória: os ex-combatentes e as suas famílias.

O presente projecto de investigação aprofunda algumas linhas críticas sobre a Guerra Colonial a partir de testemunhos de filhos de ex-combatentes, ou seja, a partir da pós-memória da Guerra, a memória daqueles que não a experienciaram, mas cresceram mergulhados em narrativas da guerra vivida pela geração dos seus pais.

A abordagem transdisciplinar que propomos – combinando áreas como a crítica literária, os estudos culturais, a psiquiatria, a sociologia, a história, ou a ciência política – usufrui do actual debate teórico sobre três directrizes: a pós-memória no âmbito da memória familiar e colectiva; o trauma no âmbito da reflexão crítica sobre o pós-Guerra Civil de Espanha, o pós-Holocausto, o pós-guerra da Argélia, o pós-Vietname, e o pós-Apartheid; e as contra-histórias marginais que surgem a partir da problematização do silêncio ontológico que funda o subalterno numa linha crítica que une Gramsci à tradição dos *Subaltern Studies* e dos estudos pós-coloniais.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/quem-somos.php>

Quem somos?

A equipa de investigação é constituída por investigadores das áreas dos Estudos Literários e Culturais, Sociologia, Psicologia e Psiquiatria. Do ponto de vista profissional e pessoal, a sua formação e experiência em investigação garantem o cumprimento dos requisitos éticos e deontológicos exigidos na recolha e tratamento de dados pessoais, nomeadamente os deveres de sigilo e confidencialidade sobre toda a informação disponibilizada pelos participantes.

Investigadores

Margarida Calafate Ribeiro (CES, Investigadora Responsável pelo Projecto)

António Sousa Ribeiro (CES/Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra)

José Manuel Pureza (CES/ Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)

Luísa Sales (Hospital Militar de Coimbra/CES)

Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha/CES)

Rui Mota Cardoso (Faculdade de Medicina da Universidade do Porto/CES)

Investigadoras Júnior

Aida Dias (CES)

Hélia Santos (CES)

Ivone Castro Vale (Faculdade de Medicina da Universidade do Porto)

Luciana Silva (CES)

Consultores

Esta equipa tem como consultores permanentes **Francisco Bethencourt** (King's College, Londres), **Márcio Seligmann-Silva** (UNICAMP, São Paulo, Brasil) e **Bernard McGuirk** (Centre for the Study of Post-Conflict Cultures, Univ. Nottingham).

Investigadora Responsável:

Margarida Calafate Ribeiro

Centro de Estudos Sociais

É investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES - Laboratório Associado) da Universidade de Coimbra e docente nos programas de doutoramento "Pós-Colonialismos e Cidadania Global" (co-coordenação executiva com Paula Meneses) e "Patrimónios de Influência Portuguesa" (co-coordenação científica com Walter Rossa), oferecidos pelo CES, Faculdade de Economia e III da Universidade de Coimbra. É regente da Cátedra Eduardo Lourenço, na Universidade de Bolonha/Instituto Camões, com Roberto Vecchi, desde 2007, e foi Visiting Researcher Associate do King's College, Universidade de Londres, entre 2004 e 2009.

Os seus actuais interesses de investigação incluem estudos pós-coloniais, literatura portuguesa e de países de língua portuguesa, e história do império português, em particular as Guerras Coloniais. Coordenou até Janeiro de 2010 o projecto de investigação "Poesia da Guerra Colonial: a ontologia do 'eu' despedaçado" (financiado pela FCT). Será dada continuidade a este projecto em 2011 com o apoio do Ministério da Defesa Nacional.

Das suas publicações, destacam-se os livros *Atlântico Periférico: o postcolonialismo português e o sistema mundial* (org. com Roberto Vecchi e Vincenzo Russo, Diabasis, 2008); *África no Feminino: as mulheres portuguesas e a Guerra Colonial* (Afrontamento, 2007); *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo* (Afrontamento, 2004); e *Fantasmas e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo* (org. com Ana Paula Ferreira) (Campo das Letras, 2003). Saber mais

Equipa de investigação:

António Sousa Ribeiro

Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

É Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, docente e coordenador científico do Programa de doutoramento do CES/ FEUC "Pós-Colonialismos e Cidadania Global" e investigador do CES, onde assumiu até recentemente diversos cargos, nomeadamente o de Presidente do Conselho Científico, director da Revista Crítica de Ciências Sociais, entre outros. Mantém interesses científicos nas áreas de Estudos Pós-Coloniais, Estudos de Violência, Cultura e Identidades, entre outros. Foi coordenador do projecto de investigação "A Representação da Violência e a Violência da Representação", financiado pela FCT, que terminou em Setembro de 2009.

Editou *Translocal Modernisms. International Perspectives* (Bern: Peter Lang, 2008); e *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade* (Porto: Afrontamento, 2002). Entre outros, é autor dos ensaios "Memória, identidade e representação: Os limites da teoria e a construção do testemunho", Revista Crítica de Ciências Sociais, 88 (2010); "Mitos e realidades: a Mitteleuropa e os seus avatares", in Manuela Tavares Ribeiro (org.), *Europa em Mutação: Cidadania, Identidades, Diversidade Cultural* (Quarteto, 2003); e de "As Humanidades como Utopia", Revista Crítica de Ciências Sociais, 63 (2002), e de. Saber mais

José Manuel Pureza

Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

É Professor Associado da Faculdade de Economia, investigador do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra e docente e co-coordenador científico do Programa de doutoramento do CES/ FEUC em "Política Internacional e Resolução de Conflitos". Actualmente, é coordenador dos projectos de investigação "A cooperação portuguesa e o reforço da segurança humana em estados institucionalmente frágeis (Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe)" (financiado pelo IPAD), "Trajectórias de disseminação e

contenção da violência: um estudo comparativo entre Bissau e Praia" (financiado pela FCT) e "Violência e armas ligeiras: um retrato português" (financiado pela FCT) no âmbito do Núcleo de Estudos para a Paz.

Das suas publicações, destacam-se O património comum da humanidade: Rumo a um direito internacional da solidariedade? (Afrontamento, 1998) publicado também em castelhano (Madrid, Trotta, 2003); Para uma Cultura da Paz (Quarteto, 2001); A teia global: movimentos sociais e instituições (com A.C. Ferreira, Afrontamento, 2002); e Fogo sobre os media! Informação, conhecimento e crítica em conflitos armados (Quarteto, 2003) (com Francisco Ferrándiz). Saber mais

Luísa Sales

Hospital Militar de Coimbra e Centro de Estudos Sociais

É psiquiatra com a categoria de Chefe de Serviço, responsável pelo Serviço de Psiquiatria do Hospital Militar de Coimbra e Investigadora Associada do CES, onde co-coordena o Centro de Trauma com José Manuel Mendes. É Terapeuta Didacta da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, mantendo interesses científicos nas áreas de Stress Pós Traumático, Intervenção Psiquiátrica e Psicossocial na Crise e patologias psíquicas em ex-combatentes. Dirige grupos terapêuticos de Psicodrama com vítimas de Stress Traumático e desenvolve interesse acrescido pelas áreas da Psiquiatria de Catástrofe e da Intervenção na Crise. Participa em projectos europeus de investigação ligados à estruturação de redes psicossociais e de intervenções terapêuticas pós desastre.

Tem desenvolvido e publicado trabalhos de investigação sobre Stress Traumático, quer no âmbito da Peritagem Médico-legal e das Intervenções Terapêuticas, quer ainda no âmbito da Transmissão do Trauma. Organizou e publicou o livro Psiquiatria de Catástrofe e Intervenção na Crise (Almedina, 2007). Saber mais

Roberto Vecchi

Universidade de Bolonha, Itália e Centro de Estudos Sociais

É Professor Associado de literatura portuguesa e brasileira na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bolonha e do Programa de Doutoramento em Iberística do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas da mesma universidade, investigador associado do CES e investigador convidado do CNPq, Brasil. É regente da Cátedra Eduardo Lourenço, na Universidade de Bolonha/Instituto Camões, com Margarida Calafate Ribeiro, desde 2007. As suas directrizes de investigação englobam o âmbito dos estudos portugueses e brasileiros, aprofundando sobretudo a vertente crítica das relações entre história, literatura, trauma, memória e violência.

Entre as suas publicações mais recentes, destacam-se os livros Excepção Atlântica: Pensar a Literatura da Guerra Colonial (Afrontamento, 2010), Experiência e Representação: Dois Paradigmas para um Cânone Literário da Guerra Colonial (Lisboa, 2001) e Naufrágio à Portuguesa (Coimbra, 2001); e os ensaios "The Author's Posthumous Condition: War Trauma and Portugal's Colonial War", in Cristina Demaria e Colin Wright (eds.), Post-Conflict Cultures: Rituals of Representation (London: Zoilus Press/ CTCS Publications, 2006); e "Império português e biopolítica: uma modernidade precoce?", in Paulo de Medeiros (ed.) Postcolonial Theory and Lusophone Literatures (Portuguese Studies Center Universiteit Utrecht, 2007).

Saber mais

Rui Mota Cardoso

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Centro de Estudos Sociais

É Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e responsável pela regência da cadeira de Psicologia Médica, mantendo interesse científico nas áreas de Psicossomática e Memória. É investigador sénior do IPATIMUP e investigador associado do CES. Fundou a Sociedade Portuguesa de Psicossomática e o Instituto de Prevenção do Stress e Saúde Ocupacional, e é membro fundador do Centro de Ciência Cognitiva da Universidade do Porto. É autor de O Stress nos Professores Portugueses. Estudo IPSSO (Porto Editora, 2002) e de "Crença e Memória", in Gil F, Livet P, Pina Cabral J, O Processo da Crença (Lisboa, Gradiva, 2004), entre outras publicações. Saber mais

Investigadoras Juniores:

Aida Dias

Centro de Estudos Sociais

É estudante de doutoramento em Psicologia, com a tese "Childhood Trauma and Psychopathology in Adults: a study of Portuguese war veterans offspring and the application of the Delphi method", na Universidade de Utrecht (bolseira pela Fundação para a Ciência e Tecnologia). Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.

Desempenhou funções de avaliação e acompanhamento psicológico à população militar e seus familiares, no Hospital Militar de Coimbra entre Janeiro de 2003 e Dezembro de 2007. Tem desenvolvido investigação científica na área do Stress Pós-Traumático em Ex-combatentes, área de interesse actual.

Tem trabalhos publicados na área do Stress Pós-Traumático: "PTSD e Peritagem Médico-legal" (com Luísa Sales e Fernando Guardado Pereira) e "A Experiência do Acompanhamento Psicológico dos Meninos do Projecto Africra-2003" (com Luísa Sales) in Stresse Pós-traumático – Modelos, Abordagens e Práticas (Editorial Diferença – ADFA, 2006); e "PTSD e Peritagem Médico-legal", Revista Portuguesa de Saúde Militar (com Luísa Sales e Fernando Guardado Pereira, 2004).

Hélia Santos

Centro de Estudos Sociais

Tem mestrado em Sociologia, especialização em “Pós-Colonialismos e Cidadania Global” (CES/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), e é licenciada em Línguas e Literaturas modernas (Inglês/Alemão) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Desde 2003, é investigadora júnior do CES, onde tem trabalhado como Assistente de Investigação da Doutora Margarida Calafate Ribeiro desde 2006. Os seus interesses de investigação actuais debruçam-se sobre a Guerra Colonial e memória colectiva, e paralelamente desenvolve pesquisa sobre educação e identidades pós-coloniais, quer no âmbito da sua tese de mestrado, quer no âmbito do projecto “'Raça' e África em Portugal: um estudo sobre os manuais escolares de História” (coord. de Marta Araújo; financiamento da FCT).

Destaca-se para a temática do projecto, a publicação de “O Esplendor de Portugal, de António Lobo Antunes: um romance pós-colonial? Identidade ‘Raça’, (Des)Território”, in Cabo dos Trabalhos, Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES (2006). Saber mais

Ivone Castro Vale

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Licenciada em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Especialista e Mestre em Psiquiatria e Saúde Mental pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde desempenha o cargo de Assistente desde 2004. Investigadora júnior do CES, no âmbito do projecto “Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações” tem como actuais interesses científicos a herança neurobiológica do trauma e relação terapêutica.

Dos seus trabalhos destacam-se: “Knowing the amygdala: its contribution to psychiatric disorders”. Revista Portuguesa de Psicossomática, 4, 173-186 (com de Sousa, L., Tavares, M.A. & Coelho, R., 2002); “Neonatal exposure to cocaine: altered dopamine levels in the amygdala and behavioral outcomes in the developing rat”. Ann N Y Acad Sci, 965, 515-521 (com Summavielle, T., Magalhães, A., de Sousa, L. & Tavares, M.A., 2002); e “A Díada Amígdala-Cocaína como Paradigma Neurobiológico num Modelo de Neurotoxicologia Experimental”, dissertação do curso de Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental, 2002 (mimeo).

Luciana Silva

Centro de Estudos Sociais

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Neste momento, encontra-se a frequentar nova licenciatura na variante de Espanhol, e é aluna do 2º ciclo (Mestrado) em Estudos Literários e Culturais na mesma universidade.

De Junho a Setembro de 2009 integrou o Projecto “Poesia da Guerra Colonial: uma ontologia do “eu” estilhaçado”, e é, desde Outubro, investigadora júnior do projecto “Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações”.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/como-decorre-o-estudo.php>

Como decorre o estudo

Actualmente, o projecto terminou o processo de recolha de dados, encontrando-se em fase de análise dos mesmos.

Sendo este um projecto transdisciplinar, os métodos de recolha de dados foram diversificados. Foram usados métodos de investigação qualitativos e quantitativos na recolha de narrativas privadas e públicas sobre a Guerra Colonial e para estudar factores de vulnerabilidade ao trauma.

O processo de investigação com os participantes compreendeu duas fases:

Fase 1 – dirigida a filhos: entrevista sobre memórias da Guerra.

Fase 2 – dirigida a filhos e aos respectivos pais: preenchimento de questionários e recolha de amostras salivares para estudo de factores de vulnerabilidade ao trauma.

Terminado o trabalho de campo o projecto conta com 459 participantes, dos quais 220 são filhos. Das 111 famílias completas, 83 são do grupo A (famílias cujo pai foi à Guerra) e 28 famílias do grupo B (famílias cujo pai não foi à Guerra).

Os gráficos abaixo apresentados mostram a distribuição regional dos participantes no projecto.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/participantes.php>

Participantes

Os participantes do estudo são portugueses nascidos entre 1960 e 1985 e seus pais.

A todas as famílias que gentilmente se disponibilizaram a participar, agradecemos a paciente generosidade!

A equipa do projecto continua disponível nos seguintes contactos:

CES – Centro de Estudos Sociais

Universidade de Coimbra

Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087

3001-401 Coimbra

Tel.: +351 239855570

Fax: +351 239855589

E-mail: filhosdaguerra@ces.uc.pt

www.ces.uc.pt

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/divulgacao-de-resultados.php>

Divulgação de Resultados

Ao longo do projecto, foram produzidos dois relatórios de progresso para a entidade financiadora:

Setembro de 2008

Setembro de 2009

No final deste projecto, os resultados serão divulgados através de:

- 1) Relatório final que será disponibilizado online, dirigido à Fundação para a Ciência e Tecnologia, entidade financiadora do projecto;
- 2) Disponibilização a cada participante dos seus resultados, salvaguardando o critério de confidencialidade;
- 3) Edição e disponibilização online de um arquivo oral de testemunhos, após aprovação dos seus autores;
- 4) Organização de um congresso internacional para apresentação e debate das conclusões do estudo e publicação das actas;
- 5) Publicação de artigos científicos em revistas de especialidade, em Portugal e no estrangeiro;
- 6) Publicação de um livro.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/questoes-eticas-e-legais.php>

Questões éticas e legais

Atendendo a que o projecto envolve a recolha e tratamento de dados pessoais foi elaborado um pedido de autorização formal à Comissão Nacional de Protecção de Dados que obteve parecer favorável (Autorização nº 274/2008), o que garante oficialmente as condições de segurança e confidencialidade de recolha e tratamento dos dados.

Só participarão no estudo pessoas que voluntariamente aceitem as condições propostas no consentimento informado. Será sempre possível solicitar a consulta, revisão ou eliminação dos dados, ou mesmo desistir em qualquer etapa do estudo.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/o-projecto/financiamento.php>

Financiamento

O financiamento do projecto é assegurado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através do Programa COMPETE – referência FCOMP-01-0124-FEDER-007261.

Adicionalmente, e no âmbito do protocolo assinado no passado dia 2 de Abril de 2009 com o Ministério da Defesa Nacional, o projecto conta também com o apoio deste Ministério para a realização das actividades de divulgação, até Maio de 2011.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/actividades.php>

Actividades

- 4 de Novembro, 2010: António Sousa Ribeiro e Roberto Vecchi participaram na Conferência Internacional Post-conflict Cultures: Topographies of Reconstruction, uma co-organização deste projecto com a Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bolonha e o Centro para o Estudo de Culturas Pós-conflito da Universidade de Nottingham, que decorreu entre 4 e 6 de Novembro na Universidade de Bolonha, Itália. As comunicações respectivas foram: "Spaces and non-spaces: violence and the scene of writing", e "Global battlefields for humanities: new topographies".
- 4 de Novembro, 2010: Margarida Calafate Ribeiro apresentou o projecto "Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações" como oradora convidada da Mesa-Redonda "Imagens do Exílio", no III Seminário Literatura, Guerra e Paz, na Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- 23-24 de Setembro, 2010: Ivone Castro-Vale apresenta o poster "Posttraumatic stress disorder: transgenerational effects", no 14º Congresso da Associação Europeia de Neuroendocrinologia, em Liège (co-autoria com: Aida Dias; Luísa Sales; Davide Carvalho; e Rui Mota-Cardoso).
- 3 de Julho, 2010: Margarida Calafate Ribeiro apresenta a comunicação "O Fim da História de Regressos e o Retorno a África: leituras da literatura portuguesa contemporânea", no Congresso LUPOR III: "Teorias Itinerantes/ Travelling Theories", na Universidade do Minho, Braga.
- 1 de Julho, 2010: Apresentação do livro de Roberto Vecchi, Excepção Atlântica. Pensar a Literatura da Guerra Colonial (Edições Afrontamento, 2010), na Livraria Centésima Página, em Braga, com Ana Gabriela Macedo, António Sousa Ribeiro e Paulo de Medeiros.
- 28 de Abril, 2010: Margarida Calafate Ribeiro apresentou a comunicação "Vozes Femininas de uma Guerra: uma outra memória da Guerra Colonial", na Universidade de Estocolmo, no âmbito das Comemorações do 25 de Abril pelo Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões.
- 26 de Abril, 2010: Hélia Santos e Luciana Silva apresentaram a comunicação "(Pós)Memórias da Guerra Colonial: representações culturais", no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, onde

apresentaram os dois projectos coordenados por Margarida Calafate Ribeiro: "Os Filhos da Guerra Colonial" e "Poesia da Guerra Colonial".

- 15 de Abril, 2010: Margarida Calafate Ribeiro apresentou o projecto no Congresso Vozes da Revolução: Guerra colonial e Descolonização, organizado pelo ISCTE, Universidade de Lisboa.

- 31 de Março, 2010: Luísa Sales co-organizou a Conferência Inaugural do Ciclo de Conferências do Centro de Trauma do CES, "Riscos (d)e Trauma" (com José Manuel Mendes e Aida Dias).

- 25 de Março, 2010: Margarida Calafate Ribeiro apresentou o projecto num seminário da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, a convite do Doutor Joaquim Pires Valentim.

Redes de Investigação:

Margarida Calafate Ribeiro é membro do Steering Committee da rede internacional "POCOEUR - Post-Colonial Europe: the legacies of colonialism and the enduring imprint of Empire", um programa da European Science Foundation (SCH).

António Sousa Ribeiro e Margarida Calafate Ribeiro pertencem à rede de investigação LUPOR: Lusophone Postcolonial Research Network.

Luísa Sales participa na rede TENTS: The European Network for Traumatic Stress, financiada pela Comissão Europeia. Esta rede de investigação tem por objectivos identificar e mapear as instituições europeias que prestam apoio psicossocial a vítimas de catástrofes, e definir as melhores práticas de intervenção em situações de crise.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/publicacoes.php>

Publicações

- no prelo (aceite) - Aida Dias, A. Carvalho, Ivone Vale, Luísa Sales, Rui Mota Cardoso, "A Avaliação do Trauma Infantil: adaptação do Childhood Trauma Questionnaire para a população portuguesa", Laboratório de Psicologia, ISPA, Lisboa.

- no prelo (aceite) - Aida Dias, A. Pinto, A. Carvalho, Ivone Vale, Luísa Sales, Rui Mota Cardoso, "Impact Event Scale-revised (IES-r): adaptação num grupo exposto a acidentes de viação", Laboratório de Psicologia, ISPA, Lisboa.

- no prelo: António Sousa Ribeiro; Margarida Calafate Ribeiro, "Zeit, die stillsteht. Postgedächtnis und Trauma unter Kindern von Kriegsteilnehmern", in Dietmar Goltschnigg et al. (orgs.), Phänomen Zeit - Dimensionen und Strukturen in Kultur und Wissenschaft.

- no prelo: Margarida Calafate Ribeiro, António Sousa Ribeiro, Roberto Vecchi, "Children of the Colonial Wars: postmemory and representations", Conference Proceedings of the II CECC Conference on Culture and Conflict, the (In)Visibility of War in Literature and the Media. Lisboa: Universidade Católica.

- 2010 - Roberto Vecchi, "História de nomes, memórias sem nome. Citação e estado de excepção nas actualizações da memória pública", in Fernanda Mota Alves, Sofia Tavares, Ricardo Gil Soeiro, Daniela Di Pasquale (org.), ACT 20: Filologia, memória e esquecimento. Lisboa: Humus, 593-609.

- 2010 - Roberto Vecchi, Excepção atlântica. Pensar a literatura da guerra colonial. Porto: Afrontamento

- 2010 - Margarida Calafate Ribeiro, "Au-delà des fantômes de l'Empire: littérature, témoin et mémoire de la Guerre Coloniale" in Olinda Kleiman, Anne-Marie Pascal e Philippe Rousseau (orgs.), Poétique de l'écriture d'une expérience de guerre: La littérature postcoloniale en langue portugaise. Lille: Université de Lille 3, 67-80.

- 2009 - António Sousa Ribeiro, "Bilder jenes Grauns'. Die Funktion des literarischen Gedächtnisses in Dritte Walpurgisnacht von Karl Kraus", in Marisa Siguan et al. (orgs.), "Erzählen müssen um zu überwinden". Literatura y supervivencia. Barcelona: Sociedad Goethe de España, 171-180.

- 2009 - Luísa Sales e Aida Dias, "War's Mental Health Legacies for Children of Combatants". Peace Review: A Journal of Social Justice, 21(2): 182 - 187.

- 2009 - Margarida Calafate Ribeiro, "Una storia di ritorni: impero, guerra coloniale e postcolonialismo", in Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchi, Vincenzo Russo (org.), Atlantico Periferico - il poscolonialismo portoghese e il sistema mondiale. Reggio Emilia: Diabasis: 91 - 135.

- no prelo: Roberto Vecchi, "(Re)citando o extremo: o olhar da Medusa, o finito e o infinito do horror", in Marcio Seligmann-Silva-Jaime Ginzburg-Francisco Foot Hardman (orgs) Escritas da violência. São Paulo-Campinas: Ed. da UNICAMP.

- no prelo: Roberto Vecchi, "Pós-memória e Filomela: o bordado da violência e a legibilidade do trauma", in Marcio Seligmann-Silva-Jaime Ginzburg-Francisco Foot Hardman (orgs), Representações da violência na História e na Cultura contemporâneas da América Latina. São Paulo-Campinas: Ed. da UNICAMP.

- 2008 - António Sousa Ribeiro, "Cartografias do Não-Espaço: Viagens ao Fim do Mundo na Literatura do Holocausto", Revista Crítica de Ciências Sociais, 83, Dezembro, 5-18.

- 2008 - Roberto Vecchi, "Scritture del massacro. Differenza e ripetizione", in Giovanna Procacci, Marc Silver, Lorenzo Bertucelli (a cura di), Le stragi rimosse. Storia, memoria pubblica, scritture. Milano: UNICOPLI, 151-162.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/bibliografia.php>

Bibliografia

A Guerra Colonial

Afonso, Aniceto; Gomes, Carlos de Matos (2000), Guerra Colonial. Lisboa: Notícias Editorial.

Melo, João de (org.) (1988), Os Anos da Guerra 1961-1975: Os Portugueses em África - Crónica, Ficção e História. Lisboa: Círculo de Leitores, I e II.

Pinto, António Costa (2000), "A Guerra Colonial e o Fim do Império Português", in Francisco Bethencourt e **Kirti Chaudhuri** (org.), História da Expansão Portuguesa - vol. 5. Lisboa: Temas e Debates.

Ribeiro, Margarida Calafate (2004), Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo. Porto: Afrontamento.

Ribeiro, Margarida Calafate (2007), África no Feminino: as Mulheres Portuguesas e a Guerra Colonial. Porto: Afrontamento.

Vecchi, Roberto (2010), Excepção atlântica. Pensar a literatura da Guerra Colonial. Porto: Afrontamento.

Memória, Trauma, Testemunho

Agamben, G. (1998), Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone. Torino: Bollati Boringhieri.

Assmann, A. (1999), Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses. München: C.H. Beck.

Caruth, C. (1996), Unclaimed Experience. Trauma, Narrative, and History. Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press.

Felman, Shoshana; Laub, Dori (1991), Testimony: Literature, Psychoanalysis, History. London: Routledge.

LaCapra, D. (2001), Writing History, Writing Trauma. Baltimore: John Hopkins UP.

Ricoeur, P. (2000), La mémoire, l'histoire, l'oubli. Paris: Seuil.

Sarlo, B. (2007), Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo e Belo Horizonte: Companhia das Letras/Ed. UFMG.

Hunt, N.; McHale, S. (2008), "Memory and meaning: Individual and social aspects of memory narratives", Journal of Loss & Trauma, 13 (1), pp. 42-58.

Trauma e Stress Pós-Traumático

Abrams, M. S. (1999), "Intergenerational transmission of trauma: Recent contributions from the literature of family systems approaches to treatment", American Journal of Psychotherapy, 53(2), pp. 225-231.

Danieli, Y. (1998), International Handbook of Multigenerational Legacies of Trauma. New York: Plenum Series.

Galovski, T.; Lyons, J. A. (2004), "Psychological sequelae of combat violence: A review of the impact of PTSD on the veteran's family and possible interventions", Aggression and Violent Behaviour, 9 (5), pp. 477-501.

Ozer, E. J.; Best, S. R.; Lipsey, T. L.; Weiss, D. S. (2003), "Predictors of posttraumatic stress disorder and symptoms in adults: A meta-analysis", Psychological Bulletin, 129 (1), pp. 52-73.

Sales, L. (2006), "Por Debaixo das Pústulas da Guerra", in M. Gama (ed.), A guerra colonial (1961-1974). Braga: Centro de Estudos Lusíadas, pp. 73-80.

Neurobiologia do Trauma

Broekman, B. F.; Olf, M.; Boer, F. (2007), "The genetic background to PTSD", Neurosci Biobehav Rev, 31 (3), pp. 348-362.

Meewisse, M. L.; Reitsma, J. B.; de Vries, G. J.; Gersons, B. P.; Olf, M. (2007), "Cortisol and post-traumatic stress disorder in adults: systematic review and meta-analysis", Br J Psychiatry, 191, pp. 387-392.

Nemeroff, C. B.; Bremner, J. D.; Foa, E. B.; Mayberg, H. S.; North, C. S.; Stein, M. B. (2006), "Posttraumatic stress disorder: a state-of-the-science review", J Psychiatr Res, 40 (1), pp. 1-21.

Shin, L. M.; Rauch, S. L.; Pitman, R. K. (2006), "Amygdala, medial prefrontal cortex, and hippocampal function in PTSD", Ann N Y Acad Sci, 1071, pp. 67-79.

Yehuda, R.; Bierer, L. M. (2008), "Transgenerational transmission of cortisol and PTSD risk", Prog Brain Res, 167, pp. 121-135.

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/links.php>

Links

Memória Cultural:

Arquivo documental, Universidade de Aveiro

Benjamin Stora, Université Paris 13-Nord

Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa

e-journal of Portuguese History

Marianne Hirsch, Columbia University

NSSR Interdisciplinary Memory Group

Centre for Life History and Life Writing Research, University of Sussex

Centre for the Study of Post-Conflict Cultures, University of Nottingham

A Guerra Colonial:

www.guerracolonial.org/

guerracolonial.home.sapo.pt/

projectoignara.blogspot.com/

www.uc.pt/cd25a/

www.25abril.org/

Blogues dinamizados por ex-combatentes:

LuisGraca&CamaradasdaGuine/

cacimbo.blogspot.com/

lestedeangola.weblog.com.pt/

ultramar.terraweb.biz/index.htm

foradolugaretempo.blogspot.com

Instituições:

www.adfa-portugal.com/

www.ligacombatentes.org.pt/

www.mdn.gov.pt/mdn/pt/ACombatentes/

Stress Pós-Traumático:

Associação Apoiar

International Society for Traumatic Stress Studies

European Society for Traumatic Stress Studies

Gateway for Post Traumatic Stress Disorder Information

United States Department of Veterans' Affairs

Australian Government Department of Veterans' Affairs

Intergenerational PTSD - Inheriting the Vietnam War Legacy

International Trauma Studies Program

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/contactos.php>

Contactos

CES – Centro de Estudos Sociais

Universidade de Coimbra

Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087

3001-401 Coimbra

Tel.: +351 239855570

Fax: +351 239855589

E-mail: filhosdaguerra@ces.uc.pt

www.ces.uc.pt

<http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/pt/creditos.php>

Créditos

Fotos:

- Arquivo de Fotografia de Lisboa – CPF/MC; SEC/AG/01-170/1142AR.

- Grande Reportagem, Ano XIII, nº 151, 29 de Novembro de 2003.

- Jorge Ribeiro (2008), Lá Longe Onde o Sol Castiga Mais: A Guerra Colonial contada aos mais novos. Vila Nova Gaia: Calendário, pp. 5 e 40.
